

No intuito de ampliar a visibilidade para o tema, esse artigo foi revisado para ser publicado em português a pedido da Revista Psicologia, Diversidade e Saúde. Em dezembro de 2015, foi publicado com o título "El adulto em La clínica psicopedagógica", em espanhol, na revista "Aprendizaje Hoy", revista de actualidad psicopedagógica, de número 92/93, Año XXXIV, "Ejemplar Homenaje Professor Jorge Luis Visca", Buenos Aires, AR.

A PSICOPEDAGOGIA E O ADULTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE PSYCHOPEDAGOGY AND THE ADULT

Débora Silva de Castro Pereira

Email para correspondência: descp@uol.com.br

Psicopedagoga, Pedagoga e Doutora em Educação. Coordenadora e professora do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Diretora do CRIA- Centro Psicopedagógico Vocacional e de Recursos Humanos. Salvador, Bahia, Brasil.

RESUMO | O presente artigo traz no seu contexto a importância da psicopedagogia clínica na avaliação e atendimento ao adulto com dificuldades de aprendizagem, deixando claro que esta área do conhecimento não se restringe somente às crianças e adolescentes, visto que as questões da aprendizagem estão presentes em todas as fases da vida. Ao lado dessa afirmação, falamos sobre aprendizagem, psicopedagogia e apresentamos um trabalho desenvolvido com um adulto de vinte e seis anos, o qual procura o atendimento psicopedagógico na busca de encontrar uma forma de entender e resolver suas dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Adulto; Aprendizagem.

ABSTRACT | The present study brings in its context the importance of Clinical Psychopedagogy in the assessment and care of adults with learning difficulties, making it clear that this area of knowledge is not restricted only to children and adolescents, given that the learning issues can be found in all stages of the lifetime. In addition to that, we talk about learning, psychopedagogy and present a work developed with a 26-year-old adult who seeks psychopedagogic assistance in search of a way to understand and resolve his learning difficulties.

Keywords: Psychopedagogy; Adult; Learning.

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é sempre um ponto de partida para novas descobertas e novos aportes. Esse ponto de partida, a busca de descobrir novas formas de atuar, tem-me feito refletir sobre como evoluímos em relação ao fazer psicopedagógico e sobre como, através da teoria e da prática, nos tornamos mais seguros e competentes para podermos exercer uma função que nos permita, a cada dia, avançar em novos conhecimentos, no conhecimento de si mesmo e do outro, num trabalho cheio de surpresas, desafios, descobertas e de novas aprendizagens, avançando sempre numa progressão dinâmica e viva.

Nessa progressão, a clínica psicopedagógica vai se revestindo de saberes para receber o adulto à procura do trabalho psicopedagógico, numa demanda diferente daquela que estávamos acostumados a ver com mais frequência, que é a demanda da criança e do adolescente, trazidos pela família.

Assim, tenho percebido o crescente número de pessoas na fase adulta, chegando à clínica psicopedagógica, por conta própria, preocupados, querendo saber sobre dislexia, TDAH, sobre as suas dificuldades, e, por vezes, já afirmando ter algum desses distúrbios, porque viu na internet alguns sintomas que se parecem muito com os sintomas que sente.

Como vemos, as demandas referentes ao trabalho psicopedagógico no que diz respeito ao adulto estão cada dia mais freqüentes. E na tentativa de seguir em frente ele vai em busca de ajuda, com o desejo de superar as suas dificuldades, incertezas, medo, insegurança, enfim vencer os obstáculos que a vida lhe traz.

Nesse artigo, vou falar sobre esse adulto preocupado com o seu jeito de aprender, com as suas dificuldades de aprendizagem e que descobre a importância da ajuda psicopedagógica, a qual, possa lhe dar suporte para avançar e superar seus problemas de aprendizagem, que não são mais os da escola, mas, de um modo geral, do seu dia a dia.

E, finalizando, para elucidar, sobre a busca do adulto

pela Psicopedagogia e do trabalho desenvolvido com essas pessoas, além de falarmos de teoria, mostraremos, também, uma experiência com um adulto que recorreu ao psicopedagogo procurando encontrar uma forma de resolver suas dificuldades de aprendizagem. São experiências, abordagens que nos enriquecem, nos fazem refletir e aprender um pouco mais sobre o fazer psicopedagógico nessa faixa etária.

O ADULTO, A PSICOPEDAGOGIA E A APRENDIZAGEM

Não existe idade certa, definida, estipulada para se aprender. Em cada idade, em função da sua maturidade, estrutura cognitiva, estrutura afetiva emocional, o sujeito estabelece, através da sua relação com o meio, com as pessoas, consigo mesmo, uma forma própria de ver o outro, as coisas, o mundo e também uma forma própria de aprender, de ser e de se estabelecer como pessoa integrada ao mundo pessoal e profissional em que vive.

A idade adulta traz a possibilidade de escolhas mais conscientes, a possibilidade do sujeito tornar-se, com mais segurança, uma pessoa responsável pelos seus atos, pela descoberta de si mesmo e do mundo que o cerca. E, é nessa descoberta, que acontece a todo o momento, que ele percebe, também, as suas imperfeições, as suas dificuldades e possibilidades de encontrar caminhos para resolvê-las.

Quando o adulto, a depender do seu nível de maturidade, toma consciência de suas dificuldades, da complexidade destas, procura uma forma de solucioná-las e busca um profissional, que possa ajudá-lo. Nesse momento, ele sai do seu casulo, e, entre antagonismos, dúvidas e medos, busca dialogar com o profissional, que possa lhe dar suporte para a solução das suas dificuldades. E, se estas forem de ordem da dificuldade ou distúrbios de aprendizagem, a procura se dará em direção a um psicopedagogo que lhe mostrará caminhos, momentos de análise e reflexões para novas aprendizagens.

A partir desse contato, das relações entre o adulto e o psicopedagogo nascem as intervenções psicopedagógicas, as quais se estabelecem com objetivos definidos, no propósito de provocar conflitos cognitivos. Esses conflitos estimulam relações entre os conhecimentos a adquirir e aqueles já adquiridos, condições favoráveis à ativação do pensamento, ao desenvolvimento de atividades que possam evidenciar tendências e possibilidades de aprender.

Essas intervenções psicopedagógicas, tendo como ponto de partida os aportes do Visca (2010), estão integradas ao cliente, ao psicopedagogo e às atividades que este profissional julgue necessárias para a busca de um melhor nível de aprendizagem. Tais atividades ou instrumentos psicopedagógicos são de teor muito específico para cada sujeito, de acordo com as condições que este apresenta e, as condições que o psicopedagogo traz, com vistas ao desenvolvimento da sua ação no momento clínico de acolhimento e descoberta durante a avaliação e o acompanhamento psicopedagógico.

Dessa forma, o que Visca chama de processo corretor, nos permitirá conhecer melhor os aspectos que irão direcionar o acompanhamento psicopedagógico, específico para cada sujeito, nesse caso, o adulto. Isso nos possibilita saber por onde começar esse acompanhamento, saber o que fazer, como fazer, porque fazer.

Assim sendo, o processo corretor oferece, para melhor compreensão da sua ação, três unidades de análise que lhe são inerentes: a relação, o sujeito e o agente corretor.

- a relação – “se apóia num vetor da aprendizagem que mostra que a aprendizagem é assimétrica, exige uma adaptação ativa e envolve a tarefa, na qual o agente corretor opera como um continente transformador dos conteúdos não metabolizados do sujeito”.

- o sujeito- “ que é quem vai manifestar tanto a sua semiologia (indicadores ou sintomas), quanto sua patogenia, ou seja, os obstáculos: epistêmicos, epistemofílicos e funcional”.

- o agente corretor – “o qual vai utilizar uma série de recursos clínicos, entre os quais, a mudança de situação, a informação...”(Visca,2010,p.116), etc.

No momento em que nos apropriamos desse

conhecimento, estamos pautando um caminho seguro e consciente, uma postura consistente e adequada à realidade da pessoa com quem se está trabalhando.

Nessa caminhada pelo processo corretor, durante o acompanhamento psicopedagógico, não podemos esquecer uma série de fatores que nos permitirão compreender melhor esse adulto com quem vamos trabalhar as suas dificuldades de aprendizagem, as suas necessidades, seu modelo de aprendizagem. Para tal, é preciso saber que...

“- o adulto tem consciência do que procura, do que quer, apesar de não ter clareza sobre o que tem;
- quando o adulto busca esse tipo de ajuda, ele tem direcionado o desejo de descoberta do seu problema;
- ele busca muitas explicações. É uma pessoa ávida por esclarecimentos e exige do psicopedagogo elucidações sobre o trabalho que está sendo desenvolvido. Sente a necessidade de entender o que o profissional está fazendo, o que ele está fazendo e porque”.

(Pereira,2009)

Essa forma de pensar, de se posicionar, na fase da vida adulta, provoca uma maior aproximação entre o adulto e o psicopedagogo e deste profissional com o adulto que o procura.

Trabalhar com adultos na Psicopedagogia é uma forma de chamarmos a atenção para as questões da aprendizagem vistas como um contínuo em sua extensão maior, ou seja, no decorrer de toda a vida do sujeito, nas suas várias instâncias, com seus percursos e nuances.

A ação psicopedagógica, nessa faixa etária, comporta “características específicas pela sua natureza, exigindo um olhar muito próprio direcionado a pessoas com posições adultas definidas (não importa que tipo de definições) sobre si mesmo, sobre a vida, sobre suas experiências de vida” (Pereira, 2009)

Assim, com essas pessoas podemos abordar com maior intensidade temas mais densos, como cultura, sociedade, família, política e tantos outros. Isso favorece um maior conhecimento sobre a pessoa com quem estamos trabalhando, nos permite ir além da compreensão sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas e até entendê-las melhor. Esses aspectos poderão ajudar o profissional

a planejar de forma mais consistente e adequada o seu fazer psicopedagógico.

Como vemos, torna-se imprescindível, nesse contexto, a escuta e o olhar do profissional, sem perder de vista, também, a escuta e o olhar do adulto frente ao trabalho que está sendo desenvolvido, frente as suas dificuldades de aprendizagem. É de grande importância estar muito atento a essas questões, visto que são pessoas que apresentam idéias, senso crítico e opiniões próprias, calcadas na sua experiência de vida pessoal e/ou profissional, com posicionamentos muito claros sobre o que pensam. Estar atento a essas questões, facilita ao psicopedagogo desenvolver uma avaliação e atendimento psicopedagógicos mais consistentes e adequados.

A AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E O ADULTO

Em qualquer situação, para se detectar a causa ou as causas da dificuldade de aprendizagem, seja do adulto, da criança, ou do adolescente, a avaliação psicopedagógica se torna imprescindível. Para cada uma dessas fases, mesmo seguindo uma mesma linha teórica de ação, há uma diferença na utilização dos instrumentos de avaliação, posto que, para cada etapa do desenvolvimento do sujeito existem instrumentos específicos.

Com o adulto, a avaliação psicopedagógica, pode ser feita, a meu ver, entre seis a sete sessões, podendo se estender um pouco mais, a depender da necessidade de investigar as hipóteses levantadas. E, nesse caso, o número de sessões pode ser ampliado.

O primeiro contato com o psicopedagogo é sempre feito pelo próprio adulto interessado em marcar a primeira entrevista. A partir daí, decidindo por fazer a avaliação, começamos pela entrevista contratual para colher dados pessoais; o motivo que o levou a buscar um psicopedagogo; falamos sobre os instrumentos que vão ser utilizados; pedimos que vá em busca da sua história de vida, conhecer a sua história e a-história, como subsídios para a anamnese; o cronograma das atividades e a partir daí passamos a ouvir o adulto que nos procurou,

com quem vamos trabalhar.

Dessa escuta começamos a levantar hipóteses sobre a causa ou as causas que estão provocando suas dificuldades de aprendizagem, a estabelecer um plano de ação que venha a favorecer uma melhor organização das atividades a serem desenvolvidas. Nas sessões que seguem à entrevista contratual, aplicamos as Provas Operatórias Piagetianas destinadas a essa faixa etária, algumas Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, uma atividade de compreensão leitora e de escrita utilizando o material “Avaliação da Compreensão leitora de textos expositivos” criado por Sônia Moojen(2015) e outros, a anamnese, a devolutiva e, por vezes, a depender do caso estudado, o jogo Matrizes Lógicas, outros jogos, ou outras atividades que se fizerem necessárias.

Para a anamnese, pedimos ao adulto que está sendo avaliado que investigue a sua história de vida, desde o pré-natal até os dias atuais, através da sua família, parentes, amigos, enfim pessoas que ele considera que podem ajudá-lo a desvendar o seu caminho de vida. E nessa busca, ele começa a descobrir fatos da sua história, aos quais nunca teve acesso, fatos de família até então desconhecidos, descobre seus acertos e erros, encontra pontos positivos e negativos sobre si mesmo e sua família jamais desvendados, os quais, podem servir como parte de um processo de crescimento e descoberta, como uma ponte para um maior conhecimento sobre a sua própria história.

Após a anamnese segue a sessão destinada ao resultado da avaliação, a devolutiva, entregue ao próprio adulto, protagonista de todo o trabalho. Nesse momento ele é o senhor absoluto, dono de si mesmo e, por essa razão, é para ele que o psicopedagogo precisa expor os fatos, os dados ocorridos durante a avaliação, discutir os aspectos investigados e os seus resultados.

O ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO E O ADULTO

São muitas as questões trazidas pelo adulto durante o atendimento psicopedagógico: como será feito esse trabalho? Qual o tempo de duração? etc. Ele

precisa estar seguro sobre o que está acontecendo e sobre o que está por vir. Nesse momento cabe ao psicopedagogo explicar a necessidade do atendimento psicopedagógico, a sua importância e, também exercitar a escuta para saber mais sobre as dúvidas desse adulto, as suas interrogações.

A partir daí começa o planejamento da ação psicopedagógica com referência ao atendimento que o adulto vai receber. Esse planejamento deverá estar calcado nos dados coletados na avaliação, e irá permitir um caminhar muito próprio e flexível do profissional, compatível com o sujeito avaliado, considerando a idade, o sexo, a profissão, os interesses, a estrutura cognitiva, e definir, até certo ponto, as intervenções, os instrumentos a serem utilizados.

Como sabemos que cada caso é um caso, fica claro que cada instrumento, cada ação psicopedagógica vai poder estar mais adequada em uma situação e não em outra. Dessa forma, cabe ao psicopedagogo escolher, planejar a sua ação de acordo com cada sujeito, sem perder de vista que os recursos utilizados no processo corretor, ou seja num acompanhamento psicopedagógico, precisam seguir determinados critérios tais como: “todo recurso é utilizado para incidir sobre um existente (campo estruturado) com o objetivo de produzir modificações; todo recurso tem como base uma hipótese que envolve o existente, a variável, o emergente e não significa um imperativo categórico; cada um dos recursos constitui distintas formas de expressão ou manifestação de uma mesma entidade...” Visca (2010,p. 120)

Então, como percebemos, os recursos vão sendo utilizados ao sabor da necessidade do sujeito e do que o psicopedagogo julgar necessário para aquele momento, para aquela situação. Assim, vamos seguindo pelos vários recursos possíveis de utilização, tais como: “a mudança de situação, a informação, a informação com redundância, a modalidade de alternativas múltiplas, o acréscimo de modelo, a mostra, a explicação intrapsíquica, o assinalamento, a interpretação, a troca de papéis.” Visca (2010,p.120) e muitos outros trazidos como referencial.

Para que possamos ter uma visão mais clara sobre esse tipo de atendimento, trago uma experiência

muito rica e interessante desenvolvida com um adulto, o qual avaliei e faço atendimento psicopedagógico até a presente data. É o caso de Felipe.

QUEM É FELIPE?

É um adulto, com 26 anos, solteiro, universitário, cursando Direito numa faculdade particular, com uma defasagem muito grande quanto às disciplinas cursadas e à distribuição destas nos semestres letivos. Ele procurou a Psicopedagogia como uma forma de desvendar a origem das suas dificuldades de aprendizagem, presentes nos seus afazeres da faculdade e durante toda a sua história de vida, desde a infância até os dias atuais.

Chegou até a clínica através de uma amiga, M., do grupo religioso (Católico) ao qual ele pertence. Foi ela quem lhe sugeriu uma avaliação psicopedagógica, entendendo a partir das suas queixas, que era o que ele precisava.

Felipe marcou a primeira entrevista, a contratual, e durante essa entrevista, mostrou-se muito ansioso, apresentando certa timidez, receptivo ao trabalho, porém demonstrando que, ao mesmo tempo em que desejava muito a avaliação psicopedagógica, sentia certo temor pelos seus resultados.

As seis sessões previstas para a avaliação foram transformadas em dez, visto que Felipe mostrou-se lento ao desenvolver as atividades solicitadas e a sua anamnese, foi feita em duas sessões (uma com ele e outra com a sua mãe).

Não é comum a mãe do adulto estar presente à avaliação psicopedagógica. É o adulto quem assume e recebe da família, parentes e amigos todas as informações necessárias para esse momento. Mas, com sua falta de autonomia, e como ele não sabia muito o que dizer sobre a sua história de vida, visto que achou que a família não lhe contara tudo o que deveria, e como muitas coisas ficaram sem a devida compreensão, procurei saber da possibilidade de conversar com a sua mãe. Felipe achou boa a ideia e, com a sua aquiescência, convidei-a para uma sessão de anamnese (a segunda), com objetivo de descobrir mais sobre a história e a-história de Felipe, desde o pré-natal até os dias atuais.

Assim, pedi a Felipe que conversasse com a sua mãe sobre a necessidade da sua presença para relatar o que ele não havia conseguido me dizer. Essa aceitação em trazer a mãe para a anamnese me fez levantar a hipótese de que ele era uma pessoa sem muita autonomia, dependente da mãe, mesmo aos seus 26 anos, sem saber como tomar iniciativa, sem saber como resolver seus problemas.

Na sessão seguinte à anamnese, a devolutiva ocorreu somente com Felipe. Já não quis mais a presença da mãe. Resolveu, ele mesmo, receber o resultado da avaliação e depois levá-lo para mostrar e conversar sobre o resultado obtido.

Nessa devolutiva, conversei com Felipe sobre os aspectos que foram detectados durante a avaliação, discutimos sobre a presença de um forte sentimento de menos valia, da sua falta de autonomia, insegurança, timidez, a sua preocupação com as dificuldades de aprendizagem na leitura, na escrita, na ortografia, como também no relato e interpretação de texto.

Expliquei que apesar de encontrar-se no estágio cognitivo Operatório Formal, compatível com sua idade cronológica, ainda demonstrava algumas características do estágio cognitivo Operatório Concreto, não devidamente sedimentadas. Oscilava quanto ao argumento de reversibilidade, no qual apresentava problemas para estabelecer uma operação mental reversa que lhe permitisse entender determinadas questões que exigissem tal raciocínio. Possuía noção de probabilidade, porém apresentava dificuldades quanto à noção de combinação, classificação, categorização.

Sugeri, em função da situação apresentada, um trabalho psicopedagógico, a continuidade do atendimento psicológico e que procurasse um profissional, que pudesse ajudá-lo nas questões inerentes à língua portuguesa (possui grande dificuldade nessa área).

Como adulto, e com este resultado, Felipe decidiu fazer o acompanhamento psicopedagógico. Pensei, para desenvolver esse acompanhamento, trabalhar com atividades que pudessem:

- estimular a sua capacidade de criar, de ser

mais autônomo;

- fazê-lo descobrir que errar é tão importante quanto acertar e, em consequência começar a perder o medo de errar;
- fazê-lo entender que apesar das dificuldades de aprendizagem encontradas na escola e hoje na Faculdade, ele possui outras habilidades que lhe possibilitam aprender coisas extra sistema escolar como, por exemplo, o trabalho que desempenhava na loja do pai, como chaveiro, e outros pequenos serviços. (atualmente o estabelecimento do pai foi vendido e ele teve que buscar outro trabalho: faz transporte de pessoas).
- mexer com a sua estrutura cognitiva, dando-lhe oportunidades para que possa desenvolver a capacidade para classificar, categorizar, analisar, organizar, usar da reversibilidade com propriedade. Partindo dessa proposta, utilizei vários jogos com teor psicopedagógico que pudessem provocar novas aprendizagens as quais, também, pudessem promover mudanças na sua estrutura cognitiva.

Apesar de ter estabelecido previamente um plano de ação para trabalhar com Felipe me permito, também, ir caminhando nesse atendimento, ao sabor do que vou observando, dos avanços obtidos por ele, das dificuldades que apresenta em cada atividade.

Vejo, ao longo desse atendimento, que Felipe demonstra muita dificuldade em buscar alternativas para a solução de problemas e que, em determinados momentos, por conta dessa sua característica, apresenta um modelo de aprendizagem confusional, com muito medo ao erro.

Porém, apesar do medo ao erro, desse modelo de aprendizagem, das suas dificuldades, está sempre querendo acertar, e, assim, ele sai de cada sessão (depoimento dele) pensando sobre o que fez, tentando decorar a atividade que acabou de fazer para ter um melhor desempenho quando voltar para a sessão seguinte, pensando que dará continuidade a atividade desenvolvida. Mas, tal é a sua frustração ao perceber, na sessão seguinte, que o trabalho psicopedagógico não se faz fundamentado somente no produto adquirido ou a adquirir, mas, que, o que mais importa naquele momento em que a atividade está acontecendo é exatamente o processo, o fazer psicopedagógico.

Nesse momento, é a ativação do pensamento, o processo da sua ação que vale a pena destacar e, não necessariamente a conclusão do trabalho, o produto. E, pensando assim, continuei intervindo para que Felipe pudesse descobrir a importância do fazer, do refletir sobre o ato da aprendizagem e, não somente, o produto extraído da atividade, como normalmente estava acostumado a fazer. Para que tal acontecesse, busquei desmistificar as mazelas que trouxe quanto à ideia de que a aprendizagem só acontece no produto final e mexer com o seu modelo de aprendizagem, tão arraigado, tão direcionado para o que já sabia, (predominância da assimilação).

Para que Felipe pudesse descobrir o valor do como se aprende através da noção de que a aprendizagem acontece num constante vir a ser e não somente nos seus resultados e, que seria necessário mexer com a sua estrutura cognitiva, trabalhamos com várias atividades, com vários jogos, tais como:

- a “Senha”, com o objetivo de estimular a associação de idéias, o raciocínio lógico, a atenção, a concentração, a noção do todo e das partes;
- as “Matrizes Lógicas” com o objetivo de provocar a mobilidade da estrutura cognitiva, estabelecer níveis de associação, trabalhar o modelo de aprendizagem, a atenção.
- o “Puxa Conversa” para estimular o sujeito a falar, a pensar em si mesmo, a possibilidade de refletir sobre a pergunta feita e a resposta dada estabelecendo uma relação imediata com o seu mundo, a sua cultura.
- o “Quarto” para estimular o raciocínio lógico, a diferenciação, a percepção espacial, a percepção visual, a análise de critérios, e, mais outros tantos, que possibilitassem a aquisição de habilidades e atitudes inerentes ao processo de aprendizagem.

No decorrer desse atendimento, um ano depois aproximadamente, fez-se necessário, como em todo trabalho, buscar um feedback, para que pudéssemos analisar as possibilidades de mudança, dar continuidade ou não ao que estávamos fazendo, na perspectiva de avaliar os aspectos positivos e/ou negativos.

Assim sendo, além de fazer outra avaliação, solicitei de Felipe um relato sobre como ele

estava se sentindo em relação ao nosso trabalho, e o que vinha observando, durante esse tempo de atendimento psicopedagógico (começamos em maio de 2014), no que se refere aos seus avanços, habilidades cognitivas e atitudes adquiridas.

Ele relatou que gosta de todo o trabalho desenvolvido no consultório e que pretende continuar o acompanhamento até sentir-se bem, que todas as atividades desenvolvidas vem lhe ajudando bastante a pensar sobre as suas dificuldades e o quanto ele melhorou nesse tempo de atendimento. Diz ainda, que alguns jogos o ajudaram muito, como, por exemplo, o jogo “Puxa conversa” o ajudou a pensar sobre a sua forma de se comunicar com os outros. Tinha dificuldades em puxar conversa com as pessoas, medo de falar, se dirigir a alguém, de dar a sua opinião e, atualmente, isso não mais acontece, já fala com mais naturalidade, sentindo-se mais espontâneo. Pelo medo ao erro, deixou de fazer várias entrevistas de trabalho com receio de falar e de falar errado. “Isso está mudando”.

Acha que melhorou seu nível de cobrança com relação aos seus acertos e erros. Mas, ainda comenta que não está bem como gostaria, que precisa melhorar bastante quanto a sua aceitação aos erros.

Também, diz ele, “quero falar de outro jogo que mais me chamou a atenção e que acho que mexeu mais comigo e que tem sido muito bom para mim: o jogo das “Matrizes Lógicas”, que até hoje quando eu trabalho com ele, ele me tira da zona de conforto e mexe com o meu raciocínio. Também, gosto de trabalhar com as perguntas (consignas que fazem parte de atividades específicas para fins de compreensão e análise) de algumas atividades que fazemos. Acho que isso melhora a minha atenção sobre o que estou lendo e o que a pergunta está querendo como resposta. Tenho sentido que o meu raciocínio vem melhorando. Antes tinha preguiça de pensar, achava que a minha cabeça não funcionava, que eu era “burro”. Este depoimento de Felipe lembra o que Alicia Fernandes diz: “cada pessoa vai construindo, ao longo de sua história, entrelaçando as experiências que lhe oferece o contexto social e cultural, não só sua inteligência e seus sistemas de conhecimento, mas também uma determinada modalidade de aprendizagem”. (2001,p 42)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, assim, cada um constrói a sua história e a sua forma de aprender, dentro do seu contexto da sua realidade e do seu desejo de manter-se autônomo ou não. Penso que foi dessa forma que Felipe nunca se deu conta de que aos 26 anos era adulto. Essa descoberta (confissão dele) aconteceu no momento em que lhe falei que estava escrevendo um artigo sobre o trabalho psicopedagógico com adultos e que estava querendo a sua autorização para relatar o seu caso, ele tomou um susto, pois eu falei “caso com adulto”. Parece que, disse ele, “caiu a ficha, não tinha pensado nisso antes: sou adulto”. Naquele momento, ele havia tomado consciência de que já era um adulto e isso o deixou surpreso.

Achei muito interessante seu depoimento e espero que, com essa descoberta, Felipe passe a agir como tal, adulto, mais independente, mais decidido com relação ao trabalho, à faculdade, à melhora no que se refere a seu nível de aprendizagem.

Todas essas observações que Felipe trouxe no momento do feedback, considero-as pertinentes. Concordo quando ele fala que seus medos, erros e avanços foram muitos e que muito, também, é o seu desejo de progredir, de aprender, de superar as suas dificuldades, de vencer na Faculdade, vencer na vida.

Dessa forma, vejo melhora na auto-estima de Felipe. Ele está aprendendo a conviver com os seus erros, mas acha que não está sendo fácil. Vem avançando quanto à reversibilidade, a organização de idéias, sente-se mais seguro, reconhece quando não consegue fazer as atividades e tenta buscar outros caminhos, indo atrás de novas alternativas. Já começa a sair, com muita dificuldade, do seu modelo de aprendizagem confusional, conseguindo ajustar o novo aos seus conhecimentos já adquiridos. Já se expressa melhor ao falar sobre o que pretende com relação à faculdade.

É muito bom chegar a conclusões desse tipo, num trabalho como esse, no qual o cliente, no caso um adulto e psicopedagogo entram em sintonia e conseguem fazer fluir ações para facilitar o desenvolvimento do outro. Assim é o caso de Felipe: grandes avanços e, ainda, um caminho a percorrer.

Assim como o sujeito não tem idade definida para aprender, a aprendizagem não tem idade para acontecer. Nas mais diversas faixas etárias, nos mais diversos níveis culturais, sociais, na escola, na família, desde o nascimento até a morte, a aprendizagem sempre vai estar presente, com suas características próprias e as do sujeito que a incorpora.

Neste artigo quisemos mostrar, na pele do adulto, uma aprendizagem cheia de desafios, que se estende pela vida toda e que se faz presente a todo o momento, naquele que procura a Psicopedagogia com consciência e maturidade. Assim, enfatizamos momentos de teoria e prática, reflexão e análise, mostrando caminhos específicos, direcionados a uma avaliação e atendimento psicopedagógicos focados nessa faixa etária em apreço, o adulto.

Tivemos, também, a possibilidade de observar, no caso de Felipe, através da avaliação e do acompanhamento psicopedagógico, o que, em base teórica, está dito no corpo desse artigo: o fazer psicopedagógico, a relação deste com o adulto e a relevância do papel do psicopedagogo num trabalho de descobertas, de inovação e de mudanças, no universo da ação psicopedagógica com suas nuances, evolução e descobertas.

Assim, concluindo, durante esse caminhar pudemos constatar que a Psicopedagogia se estabelece e se impõe de forma segura e eficaz em qualquer etapa da vida do sujeito, seja direcionada à criança, ao adolescente e ao adulto.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

REFERÊNCIAS

Fernández, A. (2001). *O saber em jogo- a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*, Porto Alegre: Edt. Artmed.

Moojen, S. et al. (2015). *Avaliação da Compreensão leitora de textos expositivos*, São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

Pereira, D. (2009). Diagnóstico e intervenção psicopedagógica com adultos: um estudo de caso, *Revista psicopedagogia*, 80(26), 265-273.

Visca, J. (2010) – Clínica psicopedagógica – epistemologia Convergente, São José dos Campos, SP: Pulso Editorial.